

AXEXE: UM RITO DE PASSAGEM*

Helmy Mansur Manzochi**

...é através da ação ritual que se propulsionam as transformações sucessivas e o eterno renascimento...

(J.E. Santos)

MANZOCHI, H.M. Axexe: um rito de passagem. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 5: 261-266, 1995.

RESUMO: Neste artigo descrevemos a cerimônia do Axexê, observada no terreiro de Candomblé “Ilê Olorum Wam Be”, em São Paulo, em 1991. Ela é celebrada quando morre uma pessoa importante da comunidade. Na concepção africana, a morte não significa a extinção total, mas uma mudança de plano de existência e de status, para se chegar ao “estado ancestral”.

UNITERMOS: Morte – Transformação – Vida – Ancestrais – Candomblé Afro-Brasileiro.

Introdução

Como pesquisadora da Cultura Africana e Afro-Brasileira, nos propusemos a assistir as cerimônias realizadas durante um ciclo anual (1990-1991), em terreiro de Candomblé.

A ‘pesquisa de campo’ foi realizada no terreiro “Ilê Olorum Wam Bê”, que possui dois espaços em São Paulo, um deles localizado no município de Juquitiba e o outro em Taboão da Serra.

Durante a realização dos trabalhos de campo, faleceu um membro da casa. Foram então programados os ritos fúnebres (Axexê), “cujo objetivo é

afastar da comunidade a alma do morto para que descanse em paz” (Ferreti, 1985).

Esse rito não é aberto ao público, porém, tivemos permissão do pai-de-santo (Amoiá) para assisti-lo e neste trabalho descrevemos as observações feitas.

O Axexê é uma cerimônia ritual fúnebre celebrada para uma pessoa importante da comunidade religiosa, chefe, filho-de-santo ou ogã.

“Não só etnólogos, desde Herz, sublinharam que a morte, assim como a iniciação, é uma passagem para uma outra vida com provas múltiplas a fim de se chegar ao estado ancestral, onde o nascimento realiza, para a consciência coletiva, a mesma transformação da morte...” (Kabengele, 1977).

Esse rito é realizado em um período de sete dias consecutivos. No entanto, se um membro da

(*) Artigo que fez parte da dissertação de mestrado da autora, apresentada na ECA/USP.

(**) Mestre em Artes Plásticas pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

casa se oferece para fazer as obrigações,¹ durante sete anos, a cerimônia se realiza em apenas três dias. Foi isto o que aconteceu no caso observado.

Sobre o portão de entrada do “Ilê Olorum Wam Bê” foram colocadas cabaças pintadas de branco, com panos drapeados, formando um conjunto esteticamente agradável.

No interior do terreiro, em um tronco de árvore próximo à casa de Baba Egun, também estavam colocadas cabaças de vários tamanhos e panos brancos, os quais representavam os ancestrais² do pai-de-santo da casa.

Todos os participantes, devidamente vestidos de branco, simbolizando luto, usavam pulseiras de palha da costa, trançadas e firmemente amarradas. As pulseiras são usadas contra Eguns.³

Para iniciar a cerimônia, os participantes se dirigiram ao barracão, em ordem hierárquica, tendo na frente os membros mais importantes. Na entrada todos lavaram as mãos em uma bacia que continha água com folhas maceradas e em seguida tiraram os calçados.

Após a entrada de todos os membros no recinto, o pai-de-santo saudou:

– Agô Babá

e os assistentes repetiram:

– Agô Babá

Sons de instrumentos se fazem ouvir e a voz do chefe do culto, cantando:

... Cocorororó... é um bé é um tabéré

(repetido por oito vezes)

– Axexê mojubá o

Axexê, axexê omã (refrão)

– Axexê boluô Kê oabalô

Axexê, axexê omã

Aféieie a inokê, oluô deoaxeké

Bandakuxé oluô deoaxemim

Koja, koja bamba eruku,

Kafideriku ô lebarê

– Ta nu batatun enoviô

(1) São oferendas rituais feitas às divindades para propiciar ajuda, ao crente, em questões materiais e espirituais (Cacciatore, 1977).

(2) O ancestral é o intermediário entre o ser supremo e os homens (Kabengele, 1977).

(3) Eguns são espíritos, almas dos mortos que voltam à terra em determinadas cerimônias. Há na Ilha de Itaparica o “Culto aos Egunguns” (Cacciatore, 1977).

– Ta nu batatun enoviô
ETILERUÔ

Entre um e outro canto, o pai-de-santo pronunciava palavras com energia e em tom imperativo, acompanhando-as de gestos bruscos.

Os cantos entoados durante toda a noite eram intercalados por danças e saudações do grupo de tocadores que se dirigiam ora aos homens, ora às mulheres.

Nos ritos de Axexê não são usados atabaques; em seu lugar são utilizados recipientes de barro, percutidos com folhas de palmeira. Um dos instrumentos musicais utilizados é o Gã,⁴ semelhante ao Agogô, mas com uma só campânula de ferro (Carneiro, 1948) (Figs. 1 e 2).

Durante os três dias da cerimônia, as canções se repetiram exatamente na mesma sequência.

Alguns fatos que merecem destaque ocorreram em cada um dos dias, os quais são relatados a seguir:

No primeiro dia foi colocada uma panela de barro no centro do barracão, a qual representava o espírito do morto presente na sala. Aqueles que dançavam depositavam moedas ao passarem junto dela. E, ao seu redor, milho branco, mel, água, acaçás, cachaça (em volta do axé do mastro).

No segundo dia, os ogãs, antes de iniciar a cerimônia, caminharam pelo corredor formado pelas casas, batendo com longas varas de bambú nos seus beirais, até alcançarem o portão de entrada.

No terceiro dia, quatro pessoas, as mais influentes do culto, carregaram um lençol, que aparentemente continha um corpo em seu interior. No entanto, esse corpo era formado por folhas verdes de plantas, que foram derramadas sobre uma pessoa. Esta pessoa havia se apresentado para, durante sete anos, cultivar os orixás daquele que em vida fora seu amigo.

No decorrer de todo o ritual não observamos a ocorrência de possessão. “A possessão ocorre quando a divindade se apossa do crente, servindo-se dele como instrumento para sua comunicação com os mortais” (Carneiro, 1948).

Encerrada a cerimônia, o pai-de-santo colocouse à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas

(4) O Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP) possui dois destes instrumentos no cenário “Raízes Africanas”, localizado em sua exposição de longa duração *Formas de Humanidade*.

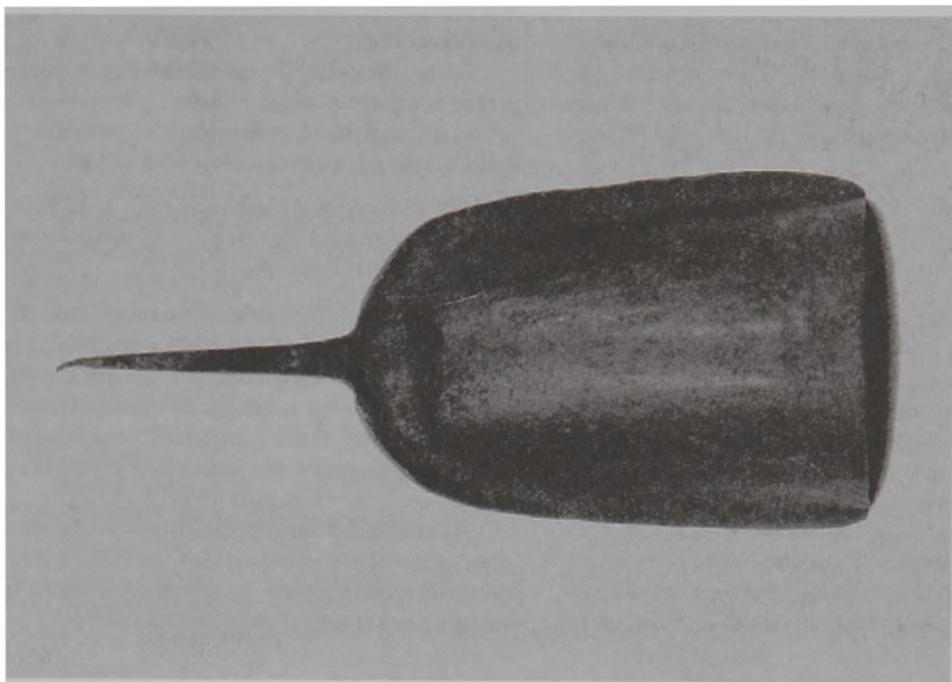


Fig. 2 – Agogô afro-brasileiro de metal. Museu de Arqueologia e Etnologia – USP. Inv. n° 74/2.2.



Fig. 1 – Agogô de ferro. Nagô, República do Benin. Museu de Arqueologia e Etnologia – USP. Inv. n° 77/d.4.420.

dos participantes em relação às cerimônias realizadas.

Depois de responder às perguntas formuladas, o pai-de-santo, visivelmente alegre e descontraído, dirigiu-se para a cozinha, onde foi servida uma refeição composta de peixe, arroz e vinho branco e dengue.⁵

Comentários

O nosso primeiro contato com um rito fúnebre de heranças africanas ocorreu durante a 'pesquisa de campo' em cumprimento à metodologia proposta de assistir, por um ciclo anual, as cerimônias de um terreiro de candomblé, fazendo este trabalho parte da dissertação de mestrado.

Na concepção da comunidade de candomblé, cada criatura, ao nascer, traz consigo seu "Ori" (destino) e a ela deve ser assegurado o seu pleno desenvolvimento. O ser maduro para a morte é o que completou o seu "Ori", ao passar do "àye", nível

de existência individual, ao "òrum", nível de existência coletiva. Celebrados os rituais, transformase em ancestral.

Além dos descendentes que o ser gerou durante a sua permanência no "àye", passando para o "òrum", participará, como elemento do coletivo, da formação de novos seres.

"Sem Axexê, não há começo, não há existência. O Axexê é a origem, e ao mesmo tempo o morto..." (Santos, 1975).

Assim, a concepção que a comunidade de candomblé tem da morte é que ela não significa a extinção total, ou aniquilamento. Morrer é uma transformação, uma mudança de plano de existência e de status. E são essas transformações que dão sentido às suas vidas, como também às suas mortes.

As cerimônias fúnebres assistidas, compostas pelas rezas cantadas e dançadas, marcam a passagem do ser de um plano de existência ao outro, o que se constitui no seu eterno renascimento.

ANEXO

Cantos entoados:

1) Cocorororó... é um que é um taberé

(Repete)

Axexê mojuba ê

Axexê axexê omã

Axexê boluô kê oabalô

Axexê axexê omã

Aféiéié a énokô, oluô deoxeké

Bandakuxé, oluô deoaxemim

Kojá kojá bamba eruku,

Kafideriku ô lebarê...

Tá nu batatum... enoriô

Tá nu batatum... enoriô

Tá nu batatum... enoriô

(repetido várias vezes)

Etileruô

2) Ó oniê

A murassabina abaquassebé

A murassabiô nabaquassebé

Yá mofonã eua koisô

Yá mofondô dô ocoxé

Yá makunã nabaquendê

Yá mukunã nabaquendê

3) Dabiô a cokê ô

Oretê o megê da biodê

Ò olôro da mi cója ô

Corojá oyaê aê oyaê

Acoroja oyaê

à olôro da mi cója ô

4) Yá tiléruô

ô durô-ô iku ayê

μ durô-ô iku ayê

iku lapalá Babá

iku goma kekerê

ô durô iku ayê

A uiê é maboya

olômã nixê

(Repete)

A uiê é ki komoré

e sufunhê balé cõma bóya

elomã nixê

5) Ya

ô bobô

(5) Dengue é um mingau de farinha de milho branca.

- Yasin abáagogêa
e ê... e ê
Yasin aláagogêá
Yasin du balakoxé
(Repete)
ô bobô
olani ná kóta móda moré
kóta móda moré
erun osà à morólodé losã beiã
zarina kóta móda moré
kóta móda moré
erun osã a morólóde losã beiá
akuleruô exu balé
akulériré exu balé
ôbobô mariô
- 6) Yá tilêruê
ôbobô mariô
Tambôafá Tambogirá
ê moná sirê
O ôbobo mariê
ê bango bango tatê mamê
ê bango bango tatê mamê
(repete)
ê simbelequê un un un un simbelequê
simbelequê tubabá kêoanin
Jóra jóra konkanga maneto
Jóra jóra konkanga
Jóra jóra konkanga tateto
Jóra jóra konkanga
- 7) Yá tilêruê
ô bobô oyá
ô bobô oyá
batuká nu balé yaré
batuká nu balé yaré
agô megê
oyatú felebé ê mariô
- 8) Tá no bongorôê
Tá tá tá no bongoiô
Tá tá tá no bongoiô
Tá no bongoiô
Tá tá tá no bongoiô
Tá tá tá no bongoiô
Jóra muketo jóra mugangá
Burê burê breketê
Burê burê breketê
Ayê kaimã ingangueuá afá
Kaimã ayê kaimã
ô aleuá iku
ingangueuá afá
- Kaimã ayê kaimã
quênda maionquê pepelê pepelê
quenda nuquen
quenda nuquen
omolucum... é madjá irê
omolucum... é madjá irê
ê é madja irê
ê madjá irê da silê
- 9) Ya tilêruê
ô bibô mariô iô iô
iku balé kan Agô Babá
ê... apá nu apágogô
apá nu mafagogô
apá nu mafamorô
apá nu mafomorô
ê abiku olorê
ê abiku olorê
lorê ni abá orê
lorê ni abá orê
ê abiku oloyê
ê abiku oloyê
lorê ni abá orê
Loré ni abá orê
- 10) Yá tilêruô
Babá Ikú Balé
ô bobô bô mariô
Airá Abiku Airá Abiku Abiku
Aira ... Abiku ú ú
Aira ... Abiku ú ú
Abiku olorê
AIRá ... Abiku ú ú Airá
Abiku u Airá
Abiku
Abiku ... Abiku AIRá
Abiku ú ú Airá
ê Iku ô ónixolorô
à foforê oni xoroxê
Iku ô onixolorô
à foforê oni xoroxê
- 11) ê samba samba mirêlê-ô
samba shé shériomã
samba shé shériomã
ê mamba shé shébilá
mamba shé shériomã
dirê e mane tata eua dirê mamê
ê mane tata euá dirê mamê
ê virá mane tata euá que banba dirê lô
u banda mane tata euá dirê mamê
dirê... ê mane tata euá dirê mamê
ê mane tata euá dirê mamê

- 12) Ya tileruô
Banja banja kukurú
oyá banja coxé
Banja banja kukurú
oyá banjá coxé
ê aê aê Vumbê-ê Vumbê pá kerukeru
- iku balélé
iku iku ô lodô dan yê dan yê bê olô
iku iku ô lodô dan yê dan yê paraiê
- Saudação aos Babas
Agô Agô babá-babá Petiberé
Kê oyalabaomin Iku Balé Kan
Abiku Vioye
Airá... Abiku Airá
Airá ú ú Airá
ê Iku ô onixolorô
à foforê oni xoroxê
iku ô onixolorô
à foforô oni xoroxê
- 13) Yá tiléruô
e oyá balélé-ô
ô iku balelé
ô iku balélé-ô
ô iku balélé
balé balé kê ni xorolô
iku balélé-ô

MANZOCHI, H.M. Axexe: a rite of passage. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 5: 261-266, 1995.

ABSTRACT: We describe the Axexê ceremony, observed at the terreiro of Candomblé, "Ilê Olorum Wam Be", in 1991, in São Paulo". It is celebrated when an important person of the community dies. To the African people, death doesn't mean a total extinction, but a change of dimension and status, to reach the "ancestral condition".

UNITERMS: Death – Transformation – Life – Ancestors – Afro-Brasilian Candomblé.

Referências bibliográficas

- BRANDÃO, C.R.
1989 *A cultura na rua*. Ed. Papirus, Campinas.
- CACCIATORE, O.G.
1977 *Dicionário de cultos afro-brasileiros*. SEEC/RJ, Rio de Janeiro.
- CARNEIRO, E.
1948 *Candomblé da Bahia*. 3ª edição. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- FERRETTI, S.F.
1985 *Religiões de origem africana no Maranhão. As sobrevivências das tradições religiosas africanas nas Caraíbas e América Latina*. Unesco.
- 1985 *Querebentan de Zomadonu: etnografia das Casas das Minas*. São Luiz, EDUFMA. Coleção Ciências Sociais – Série Antropologia, 1.
- KABENGELE, M.
1977 *Os Basanga de Shaba: um grupo étnico do Zaire*. Tese de doutoramento em Antropologia. Depto. de Ciências Sociais, FFLCH/USP, São Paulo.
- MARTINS, I. (Org.)
1983 *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. Ed. Hucitec, São Paulo.
- PEREIRA, J.B.
1986 *A morte nos estudos sociológicos e antropológicos sobre a imigração estrangeira no Brasil*. *Revista de Antropologia*, FFLCH/USP, 29: 85-97.
- SANTOS, J.E.
1975 *Os Nagô e a morte*. Tese de doutoramento em Etnologia na Universidade de Sorbonne, Paris.

Recebido para publicação em 19 de novembro de 1995.